

## 00572 OU A MÁQUINA DE PRODUZIR FILHOS

*Paloma dos Santos Schlemper<sup>1</sup>*

O tema da maternidade dissidente é ainda pouco discutido, o que torna todavia maior a necessidade de compartilhar textos como o que traduzimos com o objetivo de falar sobre maternidades diferentes do ideal criado pela sociedade, sobre aquelas vivências que são julgadas, que são silenciadas. Como escreve Esther Vivas no livro *Mamãe Desobediente* (2020), o ideal materno atual oscila entre a mãe sacrificada, que cede sua vida para cuidar da família, e a supermulher, que trabalha incansavelmente e ainda cuida dos filhos. Porém, a maternidade é muito mais diversa do que isso, não podemos falar em um maternar único.

O conto 00572 da Julia Rendón, escrito originalmente em espanhol e retirado do livro *Yeguas y Terneros* (2021), aborda essa maternidade dissidente, e é necessário se despir de todos os preconceitos estabelecidos pela sociedade ao adentrar a vida de Catalina. A história é contada por um narrador onisciente que às vezes dá espaço para o discurso indireto livre da personagem, acontece dentro de um quarto, e em poucas páginas a autora suscita muitas reflexões sobre uma mulher que aluga seu ventre. E essa personagem, ao mesmo tempo em que sente uma saudade da liberdade e o desejo de ir ver a filha, sente um pesar por ser seu último contrato.

O social aparece no conto através da pobreza do lugar onde Catalina vive, e também pela forma que ganha dinheiro para sobreviver, sendo uma migrante. A objetificação aparece ao pensar na personagem somente como um útero que gera e gesta filhos para outras pessoas. E são três tipos de maternidades: a Catalina com sua primeira filha, a Catalina com os bebês comprados, e a das mães que pagam essa barriga de aluguel.

A fertilidade como negócio não acontece somente nessa prática, que é ilegal em muitos países, mas também nas fertilizações, no movimento de adiar a gravidez para mais tarde por desejo ou necessidade de precisar trabalhar, e depois ser exposta a diversos procedimentos para conseguir engravidar. Além de que várias das situações apresentadas no conto se assemelham a de mulheres reais que precisam cumprir contratos.

O título 00572, é o código telefônico de Bogotá, então para ligar de Quito (onde mora a personagem Catalina) para Bogotá (onde vive a personagem Maca) é necessário digitar esse código. O título destaca a dor da distância entre mãe e filha.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Licenciatura Português e Espanhol.

A escritora Julia Rendón nasceu em Quito, a capital do Equador, em 1978, e além de escrever faz traduções, revisões, é artista plástica, professora de oficinas de escrita criativa e mãe de duas meninas. Se graduou no Boston College, fez pós-graduação na Parsons School of Design de Nova York e na Universidad Nacional de las Artes Argentina, além de uma especialização em Escrita Narrativa pelo instituto argentino Casa de Letras. Atualmente mora em Barcelona, na Espanha. É uma autora inédita no Brasil, até então.

Seu primeiro livro publicado foi *La casa está muy grande* (Linda y Fatal Ediciones Argentina, 2015), que contém relatos curtos para adultos. Depois publicou um livro infantil, *La mano de Malena* (Loqueleo/Santillana Equador, 2020), em seguida o livro *Yeguas y Terneros* (Editorial La Caída Equador, 2021), que conta com 18 contos, entre eles 00572. Mais recentemente publicou o romance *Lengua Ajena* (Editorial de Conatus España, 2022). Além disso, vários de seus textos foram publicados em revistas como Revista La Balandra, Entremares Magazine, La Barra Espaciadora, entre outras.

Cabe destacar algumas dificuldades na tradução do conto, pois com cada nova leitura do texto há uma descoberta de significados diferentes, palavras desconhecidas, e dúvidas sobre o seu tom informal. Se faz necessária uma apropriação muito grande do espanhol, toma-se para si a língua estrangeira para tentar transpor todos os elementos necessários para que o leitor tenha as mesmas reflexões e imagens que no texto de partida. Como no texto aparece que Catalina tem saudades de Bogotá, a referência para o significado das palavras foi o espanhol da Colômbia, já que o espanhol é uma língua diversa, com diferenças lexicais em cada um dos países que a utiliza.

Uma das dificuldades foi com a palavra *mamá*, que aparece para se referir às mulheres que estão contratando Catalina como barriga de aluguel, e, segundo a Real Academia Espanhola, na Espanha é utilizada somente como vocativo ou com crianças, porém na América o termo é usado de forma mais natural e em diversas situações. A versão final ficou com o “mãe”, por ser mais comum que o “mamãe”, sendo que este último é mais utilizado por/com crianças, como na variedade peninsular.

O tom informal do texto junto com expressões utilizadas em determinados países causou dificuldades, no texto de partida aparece *pinga*, que segundo a Real Academia Espanhola é um eufemismo para pênis em alguns países, como a Colômbia. Também aparece a expressão *cola*, que normalmente é utilizada com o significado de rabo/cauda de animais, extremidades de objetos, ou de forma coloquial como bunda ou quadril, que é o caso deste conto, o que mostra um uso mais popular da língua.

A expressão *culicagada*, se refere a uma pessoa imatura, jovem, que não têm meios econômicos, é pobre, um zero à esquerda. A solução foi utilizar “jovem imatura e ferrada”, já que em muitos lugares na Colômbia a palavra não tem um significado ofensivo e sim aponta à juventude de alguém, porém é importante também manter o significado de pessoa sem recursos financeiros, pois parece ser a situação da personagem.

Outra expressão utilizada no original é *¡Son una mamada!*, ou seja, são uma chatice, um aborrecimento, é maçante, bobeira, besteira, utilizado pela personagem com o objetivo de reclamar e desdenhar das exigências das mães atuais. A expressão escolhida foi “São um saco!”, comum no português brasileiro.

A palavra *mandil* aparece quando o personagem masculino procura sua roupa embaixo da cama, e alguns dicionários explicam que é um tecido utilizado para proteger a roupa. Existe essa palavra no português com o significado de “aventil de cozinheiro”, já os tradutores automáticos traduzem como avental. Porém, considerando que ele trabalha em um consultório, a palavra “jaleco” se adequa melhor, transmite essa proteção da roupa e a associamos diretamente com a medicina.

Após essa pequena apresentação do tema e do conto resta ao leitor adentrar o mundo de Catalina, através de um texto forte e significativo que convida a refletir sobre as formas de maternidade, além de apresentar uma realidade atual.

## 00572

Iván sale del baño sin camisa, es flaco, tiene poquísimos pelos que, extrañamente, trazan una línea recta desde el medio de su pecho hasta el ombligo. Catalina está en la cama boca arriba y desnuda, cuando lo escucha venir se da la vuelta. Saca la cola arqueando bien la lumbar para que se la vea más grande y abre un poco las piernas. Iván le da una palmadita en una nalga y le dice que está riquísima, luego se agacha a buscar su camisa y su mandil que están debajo de la cama. Antes de ponérselos, se acerca al escritorio de pino y se toma, entera, una de las botellas de agua que hay encima. Está seguro de que Catalina la rellena porque siempre el agua le sabe a grifo. Tiene mucha sed, mientras toma, mira por la ventana con marco de plástico blanco, cubierta con cortinas transparentes. Es un barrio que siempre le pareció sucio y atestado de gente, recuerda que, de chiquito, su papá compraba sus maletines en un local de cueros cercano. Él lo acompañaba arrugando la nariz hasta que cumplió dieciocho años, estaba por ingresar a la facultad de medicina, y, al fin, tuvo la valentía de decirle que no lo quería acompañar más. No sabe qué ven los demás en los edificios y casas coloniales, a él le parecen horribles, invivibles con esas ínfimas ventanas, todo oscuro, anticuado.

Catalina se levanta y se dirige hacia él. Le quita la botella de la boca y se la toma. Tiene el pelo largo y teñido de rubio, y su boca sigue roja por el pintalabios que le compró a una amiga que trabaja en Yanbal, quien le prometió que no se salía por nada. Iván se pone la camisa y Catalina, que ya se ha terminado el agua, se la abotona. La mano de Iván queda muy cerca de su muslo y ella, sabiéndolo, se acerca y la roza. Mientras abotona va moviéndose, así que la mano toca muslo, toca vagina, toca y toca. Iván, como con furia, le agarra por atrás, no por la cola, por las piernas. Sus manos se hunden porque son mucho más chicas que los muslos descomunales de Catalina. Ella ha terminado de abrocharle la camisa y él aprieta mucho y le dice muy bajito que tiene que volver al consultorio. Ella se suelta, camina y se tira en la cama.

—Según mi agenda, entre mañana y pasado te viene el periodo, ¿no? Quiero que la semana que viene empecemos con los exámenes.

—Pero me habías prometido que antes podía ir a ver a Maca— mientras lo dice abre y cierra las piernas, se acaricia el pelo.

—Tienes que quedarte tranquilita, ya te dije.

Catalina ya no mueve las piernas, ahora las tiene cerradas y se tapa con la sábana. Por encima se toca el bajo vientre. Ya no sabe qué decir. Piensa que va a ser más de un año en que no ha visto a su hija. Piensa en Bogotá, en sus amigas, en cómo le gustaría estar allá. Cuando Iván se acerca a darle un beso ella se incorpora y se pone su camiseta. Es fucsia con la imagen ilustrada de un helado con una cereza encima. Le queda apretada. No encuentra su calzón y cuando se para a buscarlo, Iván aprovecha a darle otra nalgada y se va diciéndole que más tarde la secretaria le mandará los detalles de la internación.

Catalina nunca ha tenido problemas en dar a luz, inclusive con Maca, que fue su primera, y con dieciséis años, estuvo en labor de parto solo una hora. Casi ni alcanza a llegar a donde su tía que le ayudó con el puje. No se fue a un hospital, ¡con el tráfico que hay en Bogotá!, seguro iba a terminar pariendo en el taxi. Maca nació con los ojos muy abiertos y nunca lloró. Tenía bastante pelo, muy negro. Apenas salió, Catalina misma la agarró con sus dos manos, estaba resbalosa con esa cosa blanca por todo el cuerpito. Ahora sabe que eso se llama vérnix, Iván se lo explicó. Maca era tan chiquita. Cuando vio para abajo y se dio cuenta de que seguía sangrando se la pasó a su tía y se acuerda claramente que le preguntó si su panza iba a quedar así de floja. Su tía se la llevó a la nena de inmediato y le dijo que la traería en un ratito para que le diera el seno. Maca veía con esos ojos inmensos, seguía sin llorar. Ahora que se acuerda, su hija nunca ha llorado mucho. Ni cuando ella se iba de fiesta y se la dejaba a su tía para que la cuide, ni cuando el padre de Maca le pegaba sin importarle que la niña viera, ni cuando entró a la guardería, ni al primer grado, nada. Y mucho menos cuando se despidieron y Cata le prometió que volvería pronto. Se pregunta si llora a solas. Tiene ganas de hablar con Maca, pero cuando llama el teléfono suena y nadie atiende. Igual, se da cuenta de que a esa hora está en el colegio.

Ningún otro hijo, o más bien dicho, niño, le ha salido con los ojos tan abiertos como los de Maca. Ella les puso nombre a todos, aunque eso no le ha contado ni le va a contar nunca a Iván. Sabe que se enojaría. Siempre le dice que si se llega a encariñar la caga y hasta la ha amenazado con no pagarle si llega a querer a alguno de los niños. Le ha explicado mil veces cómo es el plan. Le ha dicho mil veces qué exámenes son obligatorios, qué ejercicios tiene que hacer, qué tiene que decir, en dónde tiene que parir, con quién no tiene que hablar, qué tiene que contestar a cualquier pregunta, qué fotos debe tomarse, dónde debe estar. También le ha dicho que si la mamá quiere que camine que ella camina, que si la mamá quiere que solo coma carne que se comerá una vaca entera, que si la mamá quiere que se haga vegetariana va a comer lechugas y listo. Es más, desde su oficina le mandan la comida por los nueve benditos

meses. Las mamás de ahora, además, son simplemente jodidas, ni siquiera quieren que comas un helado o te tomes una Coca Cola. ¡Son una mamera! Cuando estuvo embarazada de Maca hasta fumaba hierba y nada malo le pasó. Cierto, y ni hablar de fumar cigarrillos. Iván le tiene recontra amenazada con eso. Un día le dijo que, si lo hace, él mismo se va directo al ministerio a exigir que le quiten la visa de refugiada. Con lo que le costó a ella conseguir esa maldita visa. Todavía siente arcadas cuando se acuerda del olor a oxidado que tenía la pinga del viejo de extranjería que tenía que firmar un último papel que le faltaba para el trámite. Ahí en Quitumbe, en ese baño asqueroso de la oficina de atrás.

De todas maneras, ella nombres sí les pone. ¿Cómo se va a enterar Iván? Lo único que falta es que le haya puesto cámaras en el departamento. Además, ¿cómo no les va a poner nombres? Hablarle a alguien por nueve meses sin llamarlo algo. Cómo más les va a decir: el niño 1, la niña 2, la niña 3. Ella quisiera seguir, pero Iván le ha dicho que este es el último, que ya no es tan joven. Le parece que una liposucción más no aguanta. A Iván le gusta que quede completamente plana.

Se acerca a la ventana y se toma la botella de agua que queda. Mira hacia afuera, hay una nena de unos tres años jugando con un balón desinflado. Tiene sucia la cara y la camiseta rota. Cata busca a la madre en la tienda y en las veredas alledañas, pero no la ve. La niña corre de un lado al otro, esquivando a la gente que pasa. Cata se da cuenta de que tiene un poco de frío en las piernas. Se da vuelta para buscar su jean. Mira el reloj viejo que cuelga encima de la cama. Todavía no da la 1. Quiere esperar un rato para volver a llamar. Capaz hasta puede bajar a comerse una torta o algo.

A los otros hijos, niños, niñas, da lo mismo, no los agarró ella, por supuesto. Nunca sintió si estaban resbalosos, pero se imagina. Todos nacen con esa cosita blanca, solo que en los hospitales, no sabe bien por qué, están empeñados en lavarles lo antes posible. Recuerda lo rica que era la pielcita de Maca, lo calentita que estaba. Lo nerviosa que estaba ella de que se le resbalara. Era una culicagada de dieciséis años, nunca se hubiese imaginado que iba a tener más hijos.

Qué será que quiere la tipa nueva, nena o varoncito. No sabe, pero todas piden parto natural. Sería más fácil una cesárea con anestesia, ¿o no? La última vieja, que quería caminar con ella todas las mañanas en el Parque Metropolitano. Esa era la mamá de Gael, aunque luego cree que lo llamaron Eduardo. Por lo menos, así le decía su mamá luego de las caminatas. Cata se daba cuenta de que a la vieja le daba un poco de pudor hablarle y tocarle la panza, pero de todas maneras lo hacía. Sonrojada lo hacía. Era su hijo, al final, ¿no? Catalina siempre pensó que Eduardo es un nombre más para un adulto. Una persona que nace ya siendo adulta. Este, definitivamente se sentía como un Gael.

Catalina prefiere no bajar. Marca el teléfono de su hija de nuevo.

## 00572

Iván sai do banho sem camisa, é magro, e tem poucos pelos que, estranhamente, traçam uma linha reta desde o meio do peito até o umbigo. Catalina está deitada nua, de barriga para cima na cama, e se vira quando escuta ele vindo. Empina a bunda arqueando bem a lombar para que pareça maior e abre um pouco as pernas. Iván dá um tapinha e diz que está gostosa, então se agacha para pegar a camisa e o jaleco que estão debaixo da cama. Antes de se vestir, vai até a mesa e bebe, quase inteira, uma das garrafas de água que estão em cima. Tem certeza de que é Catalina quem as enche porque a água sempre tem gosto de torneira. Sente muita sede, enquanto toma a água, olha pela janela de plástico branco coberta com cortinas transparentes. É um bairro que sempre lhe pareceu sujo e cheio de gente, lembra que quando pequeno seu pai comprava malas em uma loja de couro ali perto. Ele ia junto, franzindo o nariz, até que completou dezoito anos, estava prestes a entrar na faculdade de medicina, e, finalmente, teve a valentia de dizer que não queria mais acompanhar o pai. Não consegue entender o que os outros veem em edifícios e casas coloniais, ele acha horríveis, inabitáveis, com aquelas janelas pequenas, tudo escuro, antiquado.

Catalina se levanta e vai até ele. Tira a garrafa de sua boca e bebe. Está com o cabelo comprido e pintado de loiro, e sua boca continua vermelha por causa do batom que comprou de uma amiga que trabalha na Yanbal, ela jurou que não saía por nada. Iván veste a camisa e Catalina, que já terminou de beber a água, a abotoa. A mão de Iván está muito perto de sua coxa e ela, sabendo disso, se aproxima e se encosta. Vai se mexendo enquanto abotoa a camisa, e a mão pega na coxa, roça a vagina, esfrega e esfrega. Iván, como se estivesse furioso, a agarra por trás, não pela bunda, e sim pelas pernas. As mãos dele se perdem porque são muito menores do que as coxas volumosas de Catalina. Ela termina de abotoar a camisa e ele a aperta com força, e diz baixinho que precisa voltar ao consultório. Ela se solta, caminha e se joga na cama.

— Segundo minha agenda, sua menstruação desce entre amanhã e depois, certo? Quero que na próxima semana comecemos os exames.

— Mas você tinha prometido que antes eu podia ir ver a Maca — diz ela, abrindo e fechando as pernas e mexendo no cabelo.

— Você precisa ficar tranqüilinha, já te falei.

Catalina já não está mexendo as pernas, agora está com elas fechadas e se cobre com o lençol. Por cima, toca no baixo ventre. Já não sabe o que dizer. Pensa que vai fazer mais de um ano que não vê a filha. Pensa em Bogotá, nas suas amigas, em como gostaria de estar lá. Ela se levanta e veste a camiseta quando Iván se aproxima para lhe dar um beijo. Sua camiseta é fúcsia com a imagem de um sorvete com uma cereja em cima. Fica apertada. Não encontra a calcinha e quando se detém para procurar, Iván aproveita para dar outro tapa em sua bunda e vai embora dizendo que mais tarde a secretária vai mandar os detalhes da internação.

Catalina nunca teve problemas para dar à luz, inclusive com Maca, que foi sua primeira, aos dezesseis anos, esteve em trabalho de parto somente uma hora. Quase nem conseguiu chegar ao local onde sua tia ajudou com o parto. Não foi a um hospital, com o trânsito de Bogotá!, com certeza terminaria parindo dentro de um táxi. Maca nasceu com os olhos bem abertos e nunca chorou. Tinha bastante cabelo, bem escuro. Mal saiu, Catalina a agarrou com as duas mãos, estava escorregadia com aquela coisa branca por todo o corpinho. Agora sabe que isso se chama vernix, Iván havia explicado. Maca era tão pequeninha. Quando olhou para baixo e percebeu que continuava sangrando entregou a menina para a tia, e se lembra claramente de ter perguntado se a sua barriga ficaria flácida daquele jeito. Sua tia levou a bebê imediatamente e disse que já a traria de volta para que desse o peito. Maca olhava com aqueles olhos imensos, e continuava sem chorar. Agora que se lembra, sua filha nunca chorou muito. Nem quando ela ia para festas e deixava a menina para a tia cuidar, nem quando o pai de Maca batia nela sem se importar que a criança visse, nem quando entrou na creche, nem no primeiro ano, nada. E menos ainda quando se despediram e Cata prometeu que voltaria logo. Se pergunta se a filha chora quando está sozinha. Tem vontade de falar com Maca, porém quando liga o telefone chama e ninguém atende. De qualquer forma, ela se dá conta que a essa hora está na escola.

Nenhum outro filho, ou melhor, bebê, saiu com os olhos tão abertos como os de Maca. Ela colocou nome em todos, ainda que não tenha contado, nem vá contar nunca, a Iván. Sabe que ficaria zangado. Ele sempre diz que se ela criar um vínculo fode tudo e até havia ameaçado não pagar se chegasse a amar alguma das crianças. Havia explicado para ela mil vezes como é o plano. Falou mil vezes quais exames são obrigatórios, quais exercícios ela tem que fazer, o que tem que dizer, onde tem que parir, com quem não deve falar, o que tem que responder a qualquer pergunta, quais fotos deve tirar, onde deve estar. Também falou que se a mãe quer que caminhe ela caminha, que se a mãe quer que coma somente carne, ela come uma um boi inteiro, que se a mãe quer que se torne vegetariana, ela só come salada e pronto. E mais, do seu escritório mandam a comida pelos benditos nove meses. Além disso, as mães de agora são simplesmente umas fodidas, nem sequer deixam você tomar um sorvete ou beber uma Coca-cola. São um saco! Quando ficou grávida de Maca, até fumava maconha e nada de ruim lhe aconteceu. Certo, e nem falar de fumar cigarro. Iván a tem sob ameaça com isso. Um dia lhe disse que se ela fumar ele mesmo vai ao ministério exigir que tirem o seu visto de refugiada. Com o que custou para ela conseguir esse maldito visto. Ainda sente ânsia ao se lembrar do cheiro de ferrugem do pau do velho da embaixada que precisava assinar um último papel que faltava para o processo. Ali em Quitumbe, no banheiro nojentos do escritório de trás.

De qualquer forma, sim, ela os nomeia. Como Iván vai saber? A única coisa que falta é ter colocado câmeras no apartamento. Além disso, como não vai nomeá-los? Falar com alguém por nove meses sem chamar por um nome. Principalmente, como vai dizer: o menino 1, a menina 2, a menina 3. Ela queria continuar, porém Iván disse que este vai ser o último, que ela

já não é tão jovem. Ele acredita que ela não aguenta mais uma lipoaspiração. E Iván gosta que termine o processo com a barriga lisinha.

Chega perto da janela e toma a garrafa de água que sobrou. Olha para fora, há uma menina de uns três anos brincando com uma bola murcha. Está com o rosto sujo e a camiseta rasgada. Cata procura pela mãe na loja e nas calçadas próximas, mas não a enxerga. A menina corre de um lado para o outro, se esquivando das pessoas que estão passando. Cata se dá conta de que sente um pouco de frio nas pernas. Se vira para procurar seu jeans. Olha o relógio velho que está pendurado em cima da cama. Ainda não é uma hora. Quer esperar um pouco para ligar de novo. Talvez possa descer para comer um bolo ou outra coisa.

Aos outros filhos, menino ou menina, dá no mesmo, ela não segurou, é claro. Nunca sentiu se estavam escorregadios, porém imagina. Todos nascem com essa coisinha branca, só que nos hospitais estão empenhados em lavar os bebês o mais rápido possível, não se sabe bem o porquê. Recorda como era gostosa a pelezinha de Maca, como estava quentinha. Como ficou com medo de que escorregasse de suas mãos. Era uma jovem imatura e ferrada de dezesseis anos, nunca havia imaginado que ia ter mais filhos.

O que será que quer a nova mulher? Menina ou menino? Não sabe, porém todas pedem parto natural. Seria mais fácil uma cesárea com anestesia, não é? A última velha, que queria caminhar com ela todas as manhãs no Parque Metropolitano. Essa era a mãe do Gael, embora acredite que tenha chamado o bebê de Eduardo. Ao menos era assim que o chamava sua mãe após as caminhadas. Cata percebeu que a velha tinha um pouco de pudor de falar e tocar na sua barriga, mas, apesar disso, o fazia. Corada, tocava e falava. Afinal, era seu filho, não era? Catalina sempre pensou que Eduardo é um nome mais de adulto. Uma pessoa que nasce já sendo adulta. Ele, definitivamente, se sentia como Gael.

Catalina prefere não descer. Digita novamente o número da filha.

## REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON, Julia Rendón. 00572. *Yeguas y Terneros*. Cuenca: La Caída, 2021.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.